

estrema

Revista Interdisciplinar de Humanidades

Quem Tramou Judith Teixeira? (Uma História Com Fantasmas)

Barbosa, Sara Marina

estrema: revista interdisciplinar de humanidades,

número 4, Outono de 2014



Para citar este artigo: BARBOSA, Sara. 2014. Quem Tramou Judith Teixeira (Uma História com Fantasmas). *estrema: revista interdisciplinar de humanidades* 4, www.estrema-cec.com.

Um projecto do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Para informação adicional

<http://www.estrema-cec.com>

*Quem Tramou Judith Teixeira? (Uma História Com Fantasmas)*¹

Sara Barbosa

Resumo

As circunstâncias que rodeiam o percurso literário da poetisa e romancista Judith Teixeira (1880-1959) fazem com que esta possa ser considerada um perfeito exemplo daquilo que Terry Castle apresenta como “the apparitional lesbian”. Quando publica o seu primeiro volume de poesia, *Decadência* (1923), vê-se envolvida num escândalo, com o seu livro apreendido e queimado, por ter escrito sobre a sensualidade do corpo feminino e aludido a relações amorosas entre mulheres. Antes que um absurdo silêncio a envolva e a afaste completamente da intensa vida social e literária que levava, publicará *Castelo de Sombras. Poemas* (1923), *Nua. Poemas de Bizâncio* (1926), a conferência *De Mim. Em que se explicam as minhas razões sobre a vida, sobre a estética, sobre a moral* (1926) e as novelas *Satânia* (1927). Só quinze anos depois da sua morte se começará a ouvir de novo, filtrada pelas sensibilidades contemporâneas, a voz modernista de Judith Teixeira.

Palavras-chave: Judith Teixeira, Modernismo, “lésbica-fantasma”, “poetas de Sodoma”.

Abstract

Portuguese writer Judith Teixeira (1880-1959) can be considered, due to the circumstances surrounding her literary career, the perfect example of what has been called by Terry Castle “the apparitional lesbian”. When she publishes her first book of poetry, *Decadência* (1923), she sees herself drawn into a scandal, because of the allusions to lesbian eroticism. The book was apprehended and burnt. Before disappearing from the social and artistic milieu, Teixeira published *Castelo de Sombras. Poemas* (1923), *Nua. Poemas de Bizâncio* (1926) [poetry]; *De Mim. Em que se explicam as minhas razões sobre a vida, sobre a estética, sobre a moral* (1926) [conference]; *Satânia* (1927) [novellas]. Only fifteen years after her death was the silence surrounding herself and her *oeuvre* broken; even then, so quietly.

Key words: Judith Teixeira, Modernism, “apparitional lesbian”, “Sodom's literature”.

¹ BARBOSA, Sara. 2014. *Quem Tramou Judith Teixeira? (Uma História Com Fantasmas)*, *estrema: Revista Interdisciplinar de Humanidades* 4, www.estrema-cec.com.

*Para fazer a história das mulheres é necessário
saber escutar o silêncio e aprender a ver o invisível.*

Zília Osório de Castro (2008, 9)

Que circunstâncias terão determinado o *apagamento literário* de Judith Teixeira, poetisa decadentista e modernista, que não se coibiu de exaltar o amor sáfico e o corpo feminino e por essa razão foi parceira de António Botto e Raul Leal no *caso dos poetas de Sodoma*? Depois do fogo, do esquecimento e da morte, Judith Teixeira parece ter ressurgido, qual fantasma à espreita, pronto a corporizar-se sempre que conjurado e ocupando, no século XXI, espaços a que lhe não foi possível aceder no século anterior: a ficção literária e o universo virtual da Internet.

Partindo do ensaio de Terry Castle, *The Apparitional Lesbian* (Castle 1993) e transpondo o conceito para a literatura portuguesa, a investigadora Anna Klobucka aponta Judith Teixeira como “the exemplary apparitional lesbian figure” (Klobucka 2009b). Assim, é com base na perspectiva destas duas autoras que aqui se apresenta uma muito breve abordagem à vida e obra daquela que alguns estudiosos têm designado como “a nossa única poetisa *modernista*” (Viana 1977, 201),² “um caso de singularidade poética” (Sousa 2001, 177), “a voz sáfica do primeiro modernismo português” (Garay 2003).

Construindo a *persona*: quem era Judith Teixeira?

O que se sabe de Judith Teixeira é tão pouco que é quase forçoso preencher as lacunas com a ajuda da nossa imaginação. Se não, vejamos: nasceu em Viseu, a 25 de Janeiro de 1880, sendo baptizada a 1 de Fevereiro do mesmo ano com o nome de Judith. Filha de mãe solteira e pai incógnito, só aos 27 anos, Judith dos Reis Ramos, ainda solteira, é perfilhada judicialmente pelo pai, Francisco dos Reis Ramos, já falecido, na sequência de uma acção intentada pela própria³.

Dos seus anos de juventude nada se sabe, a não ser, e fazendo fé nas suas palavras, que se interessava pela literatura e fazia versos já na adolescência: “ - Desde os

² Couto Viana emprega o termo “modernista” de forma algo restrita, cingindo-se ao período contemporâneo a *Orpheu*, que é, habitualmente e por razões pedagógicas, referido como “o primeiro modernismo”. E, como salienta Martim Sousa (2009:46), no *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, C. Pazos-Alonso considera que, no tocante à escrita de autoria feminina, os “três grandes vultos do modernismo português são sem sombra de dúvida Florbela Espanca, Judith Teixeira e, mais tardiamente, Irene Lisboa” (Martins, 2008:244), perspectiva que a autora deste artigo adopta sem quaisquer reservas.

³ Informação sobre estes factos, bem como transcrição dos documentos que os fundamentam, disponível em Jorge e Gaspar 1996, 227-228.

treze ou catorze anos. Fazia então uns versos ingénuos, que guardava...” – dirá Judith numa entrevista à *Revista Portuguesa*, em 1923 (*apud* Jorge e Gaspar 1996, 237).

Desconhecemos a data do seu primeiro casamento, com o empregado comercial Jaime Levy; apenas há registo da sua dissolução, em Março de 1913, com Judith acusada de adultério e abandono do lar. Em Abril do ano seguinte, casa com Álvaro Virgílio de Franco Teixeira, advogado e industrial. Da vida privada de Judith Teixeira nada mais se saberá até à sua morte, aos 86 anos, a 17 de Maio de 1959. O assento de óbito, aparentemente registado por um vizinho, refere que “Judith morre viúva, sem deixar filhos, sem deixar bens, sem fazer testamento” (Jorge e Gaspar 1996, 252). Não há qualquer notícia da sua morte na imprensa, nem parece saber-se que fim levou o seu espólio literário que forçosamente existiria. O poeta e investigador Pedro da Silveira, numa carta de 1976 enviada a António Manuel Couto Viana, que dois anos antes se interrogara sobre as razões da ausência de Judith Teixeira em antologias, histórias da literatura e estudos sobre a sua época, afirma a esse respeito: “O seu espólio, que vi, foi vendido por um sobrinho (?), ao alfarrabista Almarjão” (Viana 2008, 130). Silveira diz ainda de Judith Teixeira, que morava numa casa próxima da sua (a mesma morada registada no assento de óbito), que “a miudagem de Campo de Ourique desfrutava-a um pouco, tanto pelos trajes ameninados que a velha usava, como porque continuava a namorar rapazinhos” (*ibid.*). O que haverá de verdade em tudo isto e o que terá de facto sucedido ao espólio da mais velha participante do primeiro modernismo português? Ainda se aguardam definitivas conclusões. O mesmo Pedro da Silveira avança mais pormenores, pouco simpáticos, acerca da vida privada da sua vizinha Judith Teixeira, que apelida de “velha ridícula”: “A Judith, não sei se lhe disse, teve negócio de antiguidades. Por volta de 1930, já à beira dos 60 anos, ainda andou em fartas aventuras amorosas, chegando mesmo a ter, ao mesmo tempo, dois amantes” (*ibid.*, 131). Infelizmente, não parece haver mais ninguém que confirme (ou desminta) tais afirmações. Por pudor ou má-fé? Por algum receio da verdade...?

Voltando atrás, aos anos de intensa produção literária de Judith Teixeira, qual o retrato possível da artista? O que nos é dado pelas entrevistas concedidas pela autora ao *Diário de Lisboa* e à *Revista Portuguesa* em 1923⁴ e pelos ecos que nos chegam das suas atitudes e tomadas de posição, como a conferência *De Mim. Em que se explicam as minhas razões sobre a vida, sobre a estética, sobre a moral*, que Judith Teixeira publica

⁴*Diário de Lisboa*, 6.3.1923 e *Revista Portuguesa*, 3, 24.3.1923 *apud* Jorge e Gaspar 1996, 236-238.

em 1926, como resposta ao escândalo em que se vê envolvida e do qual falaremos mais adiante.

Judith Teixeira revela-se uma personagem cuidadosamente construída, *dandy* em versão feminina, imagem que nos é passada pelo entrevistador, José Dias Sancho, para a *Revista Portuguesa* que, como observa Martim Sousa, “entrevê na pose de Judith Teixeira um modo esteticista, até pela decoração física dos espaços, e no seu discurso, irónico e inesperado, uma adesão total ao novismo, não obstante a sua evidente ‘Arte exótica de decadente’, o que coincide, nessa incongruência com o ecletismo de alguma vogal epocal” (Sousa 2001, 61). No nosso imaginário, Judith Teixeira não andarà muito longe da figura de Mário de Sá-Carneiro (do qual é, aliás, admiradora confessa), naquilo que este tem de construção de uma imagem e do que actualmente chamaríamos uma performance do seu *eu* artístico. Vale a pena atentar em alguns excertos da entrevista (sublinhados nossos):

Judith Teixeira tomou **uma atitude um tanto literária, como convinha á [sic] situação.**

Afundou-se mais na poltrona de veludo verde, e começámos a falar sobre Arte.

Judith Teixeira defende calorosamente toda a literatura dos Novos.

Às [sic] vezes tem uma ironia; outras vezes a sua admiração irrompe em palavras floridas, como uma oração.

Nenhum ambiente melhor para falar de Arte, do que a sua **sala confortável, tépida, acolchoada de tapetes e de almofadas, onde uma ou outra estatueta brilha, no encanto da sua nudez.**

Dentro deste **cenário [sic] cuidado, meticuloso, elegante, a sua figura de loura ganha um fundo que a destaca e dá um sabôr [sic] mais real, menos sonhado, á [sic] sua Arte exótica de decadente.**

- Adoro Verlaine, Debussy, Ravel, Wagner, Eugenio de Castro, Bourdelle, Picasso – estou, em Arte, na vanguarda.

(...)

- Interessa-me muito a evolução do seu espírito de Artista... Num meio como o nosso, pequeno, mesquinho, cheio de preconceitos, não é fácil criar-se uma alma de mulher com esse espírito de liberdade e de independência que é o grande fundo dos seus versos...

- Espírito, redarguiu-me Judith Teixeira, que me valeu, de resto, muito graves censuras da imprensa...

(...)

Lentamente a sua voz desprende-se.

- Eduardo Viana, Candido Guerreiro, Sá-Carneiro, Carlos Porfírio, Aquilino Ribeiro, Américo Durão, toda essa magnífica plêiade de Artistas Contemporâneos cujos nomes eu queria que V. fixasse aí, no papel, se acaso o eu pronunciar os seus nomes alguma coisa destacasse de sua glória...seduzem com a sua Arte policroma, intensa, luminosa.

(*apud* Jorge e Gaspar 1996, 236-237)

No *Diário de Lisboa*, o entrevistador escreve: “Em sua casa cujo décor, de verdadeiro requinte, daria muitos cenários [sic] para os entritos com que é costume abrir entrevistas – fomos encontrar a artista, a autora apreendida, muito entregue á [sic] leitura do livro *Estrada de Santiago*, de Aquilino Ribeiro, como se nada de extraordinário se passasse ao seu redor...” (apud Jorge e Gaspar 1996, 235). Judith Teixeira é vista como uma mulher culta, requintada e de bom gosto. A sua *pose de Artista* revela um cuidado extremo com a imagem que de si mesma dá, querendo parecer superior a todas as críticas e censuras que a imprensa e a sociedade à sua volta possam tecer. Como se os versos da sua contemporânea e amiga Florbela Espanca, “Ser poeta é ser mais alto/ é ser maior do que os homens”, fossem, de certa forma, o lema de vida de Judith.

O fogo ilumina, o silencio mata

A vida literária de Judith Teixeira começa verdadeiramente em 1922, com a publicação dos poemas “Fim” e “O meu Chinês” na revista *Contemporânea*, embora a autora afirme ter-se iniciado “sob o incógnito de um pseudónimo, no *Jornal da Tarde*, com composições em prosa” (apud Jorge e Gaspar 1996, 237), sem que se saiba de forma exacta quando e quais são essas composições. Judith Teixeira tem 43 anos quando, em Fevereiro de 1923, é posto à venda o seu primeiro livro de poemas, *Decadência*, logo referido pelo jornal *Diário de Lisboa* como um livro “de merecimento indiscutível, encontram-se versos de estranho e sensualíssimo perfume” (apud Jorge e Gaspar 1996, 230). No jornal *O Século* escreve-se: “publicou a sr^a D. Judit Teixeira o seu primeiro livro de versos, que nos deixou excelente impressão, não só pela elegantíssima apresentação, como por alguns dos seus versos vibrantes de cor, trabalhados de uma maneira requintada e de uma plena liberdade de estro pouco vulgar em poetizas [sic].” (apud Jorge e Gaspar 1996, 230) Em face destas primeiras impressões, augurava-se um belo futuro literário à estreante Judith Teixeira. Porém, é nesta altura que aparecem os primeiros fantasmas.

O poema “A Estátua”, remetendo muito claramente para o despertar do desejo homoerótico pela contemplação de um corpo “branco e esguio”, termina com os seguintes versos:

Ó Vénus sensual!
Pecado mortal
do meu pensamento!
Tens nos seios de bicos acerados,
num tormento,
a singular razão dos meus cuidados!

(Teixeira, 1996:25)

Estabelece-se aqui uma nítida relação entre a sensualidade (e a sexualidade) feminina - “nos seios de bicos acerados” - e a consciência de um sujeito poético que se afirma em “pecado mortal” e em “cuidados”, ou seja, atormentado pelos seus desejos relativos a um outro corpo feminino.

Outro dos poemas de *Decadência* intitulado “A minha amante” (Teixeira 1996, 62-63), possibilita alguma problemática na sua interpretação, por se oscilar entre a identificação dessa “amante” com a morfina, droga muito em voga nos meios intelectuais e artísticos da época, ou com uma outra mulher. No entanto, independentemente dessa questão, os versos aludem à incompreensão e à condenação destes “amores” pelos que deles falam (“ Não entendem dos meus amores contigo - / não entendem deste luar de beijos” .../ Há quem lhe chame a tara perversa”), remetendo de imediato para uma poética de transgressão, de confronto com a normatividade e da representação de um desejo lésbico, ainda que reduzido a “sonhos voluptuosos”.

Ainda outro exemplo, extraído do poema “Perfis decadentes”, cujos versos apontam para a visão (real ou sonhada?) de uma relação homoerótica, descrita pelo sujeito observador:

Os seus perfis esfíngicos,
e cálidos,
estremeceram
na ânsia duma beleza pressentida,
dolorosamente pálidos!
Fitaram-se as bocas sensuais!
Os corpos subtilizados,
femininos,
entre mil cintilações
irreais,
enlaçaram-se
nos braços longos e finos! (Teixeira, 1996:38-39)

Como explicita Cecília Barreira no seu livro *História das Nossas Avós*, em Judith Teixeira:

há um arrojo no modo como deflagra o erotismo. Aposta mesmo numa homossexualidade latente ou num hermafroditismo que contraria em muito o que era usual na época (...) Desde os “perfis esfíngicos e pálidos” às “bocas sensuais”, passando pela evidência dos “corpos subtilizados, femininos”, tudo indicia o amor entre pessoas do mesmo sexo num apelo a uma androginia que surpreende em 1923. (Barreira 1994, 164)

Surpreende e não passa despercebida, pois logo se ergue a moral burguesa dominante, assustada com o fantasma da homossexualidade, da perversão, enfim, de qualquer força que ouse questionar a hierarquia e o papel social de cada sexo, a ordem

estabelecida e os “bons costumes”. Assim, por via do *lesboerotismo*⁵ da sua poesia, Judith Teixeira é associada ao caso da *corrupção literária* ou dos *poetas de Sodoma*, juntamente com António Botto e Raul Leal. A jornalista São José Almeida, que investigou aprofundadamente a situação das pessoas homossexuais no Estado Novo, relata: “O movimento de estudantes católicos (Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa) liderado pelo então jovem Pedro Theotonio Pereira, que será ministro e amigo pessoal do ditador António de Oliveira Salazar, consegue a proibição dos livros dos três poetas” (Almeida 2010b, 56). Os três livros reputados “imorais” (*Decadência*, de Judith Teixeira, *Canções*, de António Botto e *Sodoma Divinisada*, de Raul Leal) são apreendidos pela polícia a fim de serem queimados.

Este episódio, ao contrário do que poderíamos pensar, não silencia a poetisa, antes a lança para a ribalta, pois vai falar-se deste escândalo ao longo de todo o ano de 1923. A autora é entrevistada no *Diário de Lisboa* e na *Revista Portuguesa* e quando, em Junho do mesmo ano, é publicado *Castelo de Sombras. Poemas*, o segundo livro de Judith Teixeira, este é relativamente bem recebido e considerado (talvez erradamente...) menos arrojado que o primeiro. Por outro lado, está a começar o processo de transformação de Judith Teixeira em *lésbica-fantasma*, aquela a que se refere Terry Castel: “Western writing over the centuries is from an angle a kind of derealization machine: insert the lesbian and watch her disappear” (Castle, 1993:6).

De que forma se irá processar esse desaparecimento, essa *fantasmização*? Desde logo pelo silêncio sepulcral (literalmente!) em torno da segunda edição de *Decadência*, a única que se conservou, uma vez que da primeira não se conhecem exemplares. Judith Teixeira faz publicar uma nova edição do livro apreendido logo em Dezembro de 1923 e a mesma obra de que tanto se falara no início do ano, passa, pelo menos na aparência, absolutamente despercebida. No ano seguinte pouco se conhece da produção judithiana, apenas duas criações que hão-de integrar o terceiro conjunto de poemas a publicar. Já em 1925, ao mesmo tempo que continua a escrever poesia para nova publicação, Judith edita e dirige a revista *Europa*⁶, um magazine mensal de que se conhecem três números e que inclui colaboração de alguns nomes importantes das artes e da literatura do seu tempo: Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, Florbela Espanca, Reinaldo Ferreira, para citar apenas alguns dos que reconhecemos com facilidade. Em 1926 é, então, publicado o

⁵ A palavra é aqui usada por analogia com homoerotismo (desejo erótico por iguais, referindo-se mais habitualmente ao sexo masculino), querendo assim significar o erotismo lésbico em particular.

⁶ A revista encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal sob a cota J 2708 B.

terceiro e último livro de poemas de Judith Teixeira - *Nua. Poemas de Bizâncio*. Uma crítica anónima no jornal *A Capital* saúda o livro, considerando a sua autora “requintada como uma esteta, exigente como uma artista”, “superior espírito de mulher” e a sua linguagem “rica de imagens, muito variada e harmoniosa”. Salienta que “‘Nua’ tem tudo: espírito, carne – e sonho. É completo” (*apud* Jorge e Gaspar 1996, 245). Trata-se, porém, de uma excepção: a imprensa, em geral, dirige comentários insultuosos a Judith e ao seu livro. O mais completo exemplo talvez seja o texto publicado na revista *Revolução Nacional*, assinado com o pseudónimo *Ariel*, que chama à poesia de Judith “autenticas porcarias sexuais trescalando ao morno fartum de d’alcova” e acusa a autora de falta de pudor por contrariar as qualidades devidas ao seu sexo. Este texto, autêntico manifesto do machismo patriarcal, normo e heterocentrista, afirma, entre outras *pérolas*, que “as damas, dê[s] [sic] que se põem a escrever, perdem o sexo para questões de crítica” (*apud* Jorge e Gaspar 1996, 249). Na mesma linha, o jovem Marcello Caetano, na revista *Ordem Nova* referirá uma “desavergonhada chamada Judit Teixeira” (*apud* Jorge e Gaspar 1996, 250). A autora reage, não com uma justificação, mas com uma apologia da sua própria poesia, com uma demonstração da sua cultura e erudição, um manifesto em favor da sua liberdade de ser e de escrever: é a Conferência *De Mim. Em que se explicam as minhas razões sobre a vida, sobre a estética, sobre a moral*, publicada em Agosto de 1926.

Estranhamente, não há mais ecos de polémica, o nevoeiro parece ter rodeado Judith Teixeira, a Censura está instalada em Portugal e, quando, em 1927, o livro em prosa *Satânia. Novelas* acaba de se imprimir, é referido em errata que Judith não pôde fazer a revisão tipográfica por se encontrar fora do país (Jorge e Gaspar 1996, 251). Não conseguimos apurar com rigor para onde terá viajado a poetisa (Espanha?), nem a duração da sua ausência. Esgotara-se-lhe o fôlego? Teria Judith Teixeira desistido de lutar contra os fantasmas dos outros e de si mesma, apercebendo-se de que estava a ser transformada em matéria incorpórea e invisível? Não havendo uma justificação objectiva, uma razão que nos leve a perceber como é que uma mulher com uma vida cultural e literária tão intensa, com conhecimentos e relações no circuito cultural e literário da época, pura e simplesmente desaparece sem deixar quaisquer traços, todas as explicações e suposições passam a ser possíveis. Aparentemente, Judith Teixeira teve um destino

semelhante ao da sua contemporânea inglesa Radclyffe Hall⁷, e por motivos semelhantes, como bem explica Terry Castle:

Lesbian contributions to culture have been routinely suppressed or ignored, lesbian-themed works of art censored and destroyed, and would-be apologists – like Radclyffe Hall in the 1920’s – silenced and dismissed. (Castle 1993, 5)

Agora vêm-me, agora já não... Vêm-me novamente?

Tratando-se de uma história de fantasmas, a vida de Judith Teixeira não podia terminar com o seu desaparecimento, muito menos com a sua morte, por muito que tal fosse o desejo de alguns. Passam-se 32 anos entre a última edição literária de Judith Teixeira e a sua morte e mais 15 até que alguém se lembre de a invocar. O crítico António Manuel Couto Viana, num capítulo da sua obra *Coração Arquivista*, intitulado precisamente “Judith Teixeira”, interroga-se sobre a razão do apagamento da autora e diz: “É irresistível: leio as poesias de Judith Teixeira e, separando muito trigo de muito joio, acho-as merecedoras de melhor sorte que o silêncio, a ignorância, a que têm estado votadas” (Viana 1977, 208). Silêncio e ignorância são justamente os ingredientes que transformaram em névoa fantasmagórica todas as autoras cujos textos assinalam a existência do amor entre mulheres. Primeiro o escândalo e o fogo que as há-de destruir e em seguida o manto de silêncio que há-de abafar a sua chama. Na sua época, Judith Teixeira fez por ser vista, mas o silêncio que se (auto?) impõe torna-a invisível durante longos anos.

Até aos nossos dias, a autora não está habitualmente representada em antologias poéticas (as exceções são poucas e recentes⁸) e, se excluirmos estudos pontuais (como é o caso de Morão 2001, em cuja antologia se incluem quatro poemas de Judith Teixeira), existem apenas referências breves e muitas vezes imprecisas em Dicionários de Literatura⁹, votando ao esquecimento aquela que ousou fazer ecoar uma voz sáfica nos

⁷Radclyffe Hall, autora do romance *The Well of Loneliness*, publicado em 1928 (*Poço de Solidão*, 2010), que, na nossa opinião, parece configurar mais um caso de não normatividade na identidade de género do que na orientação sexual, viu o seu romance ser considerado obsceno por fazer a defesa do amor entre mulheres e, tal como Judith Teixeira, foi silenciada e ostracizada.

⁸ O poema “Ausência” foi incluído no volume antológico *Os Dias do Amor* (Ramos 2009).

⁹ Veja-se, a título de exemplo o verbete “TEIXEIRA, Judith dos Ramos”, do Dicionário de Literatura Portuguesa (Machado 1996, 471), elaborado pelo próprio Álvaro Manuel Machado onde se pode ler: “(1873, Viseu – 1959, Lisboa). Começou por colaborar na revista de José Pacheco *Contemporânea*, inserindo-se numa fase de transição do decadentismo para o modernismo. Influenciada sobretudo por António Botto, assume-se como poetisa que exalta e pratica a homossexualidade (além de se drogar com morfina), provocando escândalo desde a publicação da sua primeira colectânea, *Decadência* (1922) que foi apreendida.”

tempos literariamente conturbados do primeiro modernismo português. Por estranho que tal pareça, chega a falar-se de toda a época literária modernista (incluindo a sua vertente decadentista) omitindo por completo não só a poesia de Judith Teixeira como também a revista *Europa*, por ela editada.

Judith Teixeira foi então definitivamente apagada por ter ousado uma estética modernista, semelhante à dos seus pares do género masculino, numa sociedade que não tolerava desvios à norma do patriarcado heteronormativo? Talvez o tenha sido no seu tempo, mas o fantasma ousou erguer-se e, permitindo-se breves aparições, parece querer ganhar forma e corpo, passando a viver a partir de finais do século XX (e mais ainda no século XXI), precisamente enquanto representação daquilo que a sociedade mais quis calar: o *lesboerotismo*, o desejo sensual da mulher por outra mulher, bem como a liberdade de o viver, de pensar e de escrever sobre ele.

Pelo menos desde 1992, quando a ensaísta Cecília Barreira a menciona na sua *História das Nossas Avós* (Barreira 1994), Judith Teixeira passa a ser referência obrigatória sempre que se pretende fazer uma abordagem séria dos anos 20 do século passado, seja na sua vertente histórica (sobretudo por via do escândalo a que viu o seu nome associado e pelo conseqüente silenciamento da sua voz), quer, embora com um pouco menos de desenvoltura, na sua vertente literária e na definição do seu lugar no panorama literário da época. Em 2001, Martim Gouveia e Sousa apresentou à Universidade de Aveiro a dissertação de Mestrado, *Judith Teixeira: Originalidade Poética e Descaso Literário* (Sousa 2001) em que traça o perfil literário da autora de *Decadência*, salientando a sua forte identidade e originalidade, para esclarecer os aspectos que justificam a sua inserção no canone simbolista/ decadentista; doze anos depois, em 2012, a investigadora búlgara Iliyana Chalakova obtém o grau de Mestre em Estudos sobre as Mulheres na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa com a dissertação *Poéticas da Alteridade. Alteridade Queer na poesia de Judith Teixeira* (Chalakova 2012), abordando a obra judithiana de um ponto de vista completamente diverso, considerando a sua poesia indubitavelmente modernista, e focando-se numa análise sociológica das temáticas poéticas à luz da crítica feminista e da teoria *Queer*. Multiplicam-se, ainda que lentamente, os artigos, os capítulos, os textos que, de forma mais ou menos aprofundada, fazem referência à escrita de Judith Teixeira. Parece que, pouco a pouco, se vai vencendo a resistência da Academia em aceitar que uma mulher com as características de Judith Teixeira tenha, por mérito próprio, um lugar na História da Literatura Portuguesa.

Martim Gouveia e Sousa mantêm, desde 2005, o blogue *Europa. Revista de Estudos Judithianos*, dedicado à autora, dando conta de tudo o que diz respeito à sua divulgação. Para além de uma edição dos poemas de *Decadência*, tem também publicado diversos artigos, procurando analisar e dar a conhecer o discurso literário de Teixeira, fundamentando a sua qualidade e desvendando novas facetas que a revelam como autora incontornável no estudo da literatura coeva. Não hesitando em qualificá-la como “um expoente da literatura lésbica e *queer* portuguesa”, é igualmente sua a afirmação de que “Judith Teixeira aí está, viva e disponível, com uma qualidade literária não despicienda e aberta a múltiplas lacerações hermenêuticas” (Sousa 2009, 55)

Outro exemplo de novas aparições, plenas de vitalidade, nos primeiros anos do século XXI, são as referências Judith Teixeira em romances e novelas de autores portugueses. Inês Pedrosa, em *Nas Tuas Mãos*, a propósito da personagem Josefa Nascimento, aponta a amizade que lhe votava o poeta António Botto, salientando o escândalo da apreensão e destruição de *Decadência*, o silêncio e a miséria que se viriam a abater sobre a escritora (Pedrosa 2003, 23). Carlos Ademar e José-Augusto França, respectivamente, nos romances *O Homem da Carbonária* e *José e os Outros* que abordam o ambiente histórico, social e literário dos anos 20, também não esquecem Judith Teixeira:

aquela dos gostos esquisitos (...) defende-os com unhas e dentes, porque o que está em causa é a liberdade individual e a qualidade da obra artística e, independentemente dos gostos de cada um. (Ademar 2006, 247-248)

A Judith Teixeira...“ Comentou a Brasileira em peso, cheia de más intenções machistas sobre a sua poesia sensual, “amorosa”, “pagã”, confessando “vícios” e expondo-se “nua”, em Bizâncio... Era uma “desavergonhada”, ela ou outra do mesmo gosto, diziam os integralistas, pela voz de um jovem estudante Marcelo Caetano. (França 2006, 95-96)

Em ambos os casos, a figura de Judith Teixeira é a de uma mulher ousada, independente e assertiva, que fica na memória colectiva não só por associação a uma época de restrição da liberdade, mas também pela diferença com que se afirma, tanto em questões de sexualidade como de produção literária. Em 2012, Luísa Monteiro publica um conjunto de três ficções, *A insuperável mudez da borboleta* (Monteiro 2012), tendo como protagonista da última dessas histórias, “A poeta que amou ciganas (e fadas marrecas) ”, uma *Judith* que facilmente associamos, pelos traços biográficos, a uma representação da poetisa Judith Teixeira. Novamente será tematizada a questão da orientação sexual “desadequada”, da desconformidade ao papel de género socialmente

atribuído e da ousadia de escrever poemas que atraíram sobre si a atenção e o desagrado dos poderes do Estado Novo.

Com o risco de o ruído se tornar intenso e a qualidade literária de Judith Teixeira se perder no *mainstream*, é no ciberespaço que mais se multiplicam as referências à autora de *Castelo de Sombras*: sítios e blogues reproduzem os seus poemas, sobretudo os de maior teor homoerótico e referem--na a propósito da liberdade de expressão, do “escândalo dos poetas de Sodoma” ou muito simplesmente enquanto voz lésbica silenciada pelos seus tempos. A *lésbica-fantasma* está, seguramente, de volta, e desta vez imbuída de um espírito reivindicativo que talvez ultrapassasse as suas mais remotas expectativas. Veja-se, a título de exemplo, a referência a Judith Teixeira na *Wikipédia*, que a coloca entre os escritores LGBT¹⁰ de Portugal, no sítio *PortugalPride.org* ou no blogue da Professora brasileira Zenobia Collares Moreira, *Littera Scripta Litteratura*, um de entre os muitos blogues em língua portuguesa que apresentam curtas biografias e poemas da autora e que qualquer motor de busca encontra sem dificuldades.

Ignoramos se seria esta a memória que Judith Teixeira desejava para a posteridade, mas é certo afirmar que quem ouve ou lê o nome da autora (muitas vezes descoberto a propósito de uma citação, de um excerto ou de um poema completo na internet) pode, tranquilamente, frente ao seu computador pessoal, ligar à mesma internet e descobrir muito do que há para saber acerca da sua vida e da sua obra, até porque alguns artigos de investigação, sobretudo se publicados em revistas, se encontram disponíveis para leitura e *download*.

O fantasma de Judith Teixeira venceu os que a quiseram *tramar*, condenando-a a um silêncio que julgavam eterno, mas que não parece ficar para a História a não ser como símbolo de uma repressão sobre as referências ao homoerotismo no feminino que, embora muito atenuada, ainda está longe, nos nossos dias, de ter sido completamente vencida. O silêncio, o apagamento, a imposição da invisibilidade, a obrigatoriedade de, pelo menos, aparentar conformidades, sob pena de se ver remetida ao confinamento, à solidão e ao esquecimento são ainda a realidade de muitas mulheres e da sua escrita. Talvez por isto alguns fantasmas devam continuar a fazer-nos sentir a sua necessária presença...

¹⁰ Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais/ Transgéneros (sigla habitualmente usada em Portugal), a que é, por vezes, acrescentada a letra Q, para o significado “Queer”.

Referências bibliográficas

- ADEMAR, Carlos. 2006. *O Homem da Carbonária*. Lisboa: Oficina do Livro.
- ALMEIDA, São José. Homossexuais. 2009. O Estado Novo dizia que não existiam mas perseguia-os in *Pública* (revista do Jornal Público), 12.07.2009, pp. 14-20.
- 2010a. *Homossexuais no Estado Novo*. Porto: Sextante Editora.
- 2010b. Ainda, apenas fantasmas in *LES Online*, Vol. 2, Nº2 (2010), pp. 52-59:
<http://www.lespt.org/lesonline/index.php?journal=lo&page=issue&op=view&path%5B%5D=3> (último acesso em 17 de Agosto de 2013).
- BARREIRA, Cecília. 1994. *História das Nossas Avós*. Lisboa: Edições Colibri.
- CASTLE, Terry. 1993. *The Apparitional Lesbian – Female Homosexuality and Modern Culture*. New York: Columbia University Press.
- CASTRO, Zília Osório de. 2008. Apresentação in Castro, Zília Osório de e Esteves, João (dir.). *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CHALAKOVA, Iliyana I. 2012. *Poéticas da alteridade. Alteridade Queer na Poesia de Judith Teixeira*. Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres. As Mulheres na Sociedade e na Cultura apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa:
<http://run.unl.pt/bitstream/10362/8667/1/TESE%20FINAL-Ilyanax.pdf> (último acesso em 11 de Janeiro de 2014).
- GARAY, René P. 2003. Judith Teixeira, a voz sáfica do primeiro modernismo português. FERREIRA, António M. (coord.). *Percursos de Eros: representações do erotismo*. Aveiro: Associação Labor de Estudos Portugueses / Universidade de Aveiro, pp. 141-154.
- 2002. *Judith Teixeira. O Modernismo Sáfico Português (Estudos e Textos)*. Lisboa: Universitária Editora.
- 2001. Sexus sequor: Judite Teixeira e o discurso modernista português in *Faces de Eva. Revista de Estudos Sobre a Mulher*, 5. Lisboa: Edições Colibri/Universidade Nova de Lisboa, pp. 53-74.
- FRANÇA, José-Augusto. 2006. *José e os Outros. Almada e Pessoa. Romance dos anos 20*. Lisboa: Editorial Presença.
- HALL, Radclyffe. 2010 [1928]. *Poço de Solidão*. Tradução de Susana Faria. Lisboa: Planeta Editora.
- JORGE, Maria e GASPAR, Luís Manuel. 1996. Scriptorium in Teixeira, Judith. *Poemas*. Lisboa: &etc.

- KLOBUCKA, Anna M. 2009 a. *O Formato Mulher. A Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa*. Coimbra: Angelus Novus.
- 2009 b. Summoning Portugal's Apparitional Lesbians: A To-Do Memo (Presented at the conference of Association of British and Irish Lusitanists, National University of Ireland at Maynooth, September 2009):
http://www.academia.edu/190256/Summoning_Portugals_Apparitional_Lesbians_A_To-Do_Memo (último acesso em 17 de Agosto de 2013).
- MACHADO, Álvaro Manuel (organização e direcção). 1996. *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença.
- MARQUES, Gabriela Mota. 2007. "Cabelos à Joãozinho". *A Garçonne em Portugal nos Anos Vinte*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MONTEIRO, Luísa. 2012. *A Insuperável Mudez da Borboleta (Duas confissões sáficas e um desagravo de amor)*. Redil Publicações.
- MORÃO, Paula. 2001. *Salomé e Outros Mitos. O Feminino Perverso em Poetas Portugueses entre o Fim-de-Século e Orpheu*. Lisboa: Edições Cosmos.
- MOREIRA, Zenóbia Collares. 2011. *Littera Scripta Litteratura*:
<http://litterascriptalitteratura.blogspot.pt/2011/11/o-lirismo-homoerotico-de-judith.html> (último acesso em 17 de Agosto de 2013).
- PEDROSA, Inês. 2003 [1997]. *Nas Tuas Mãos*, Lisboa: Visão e Publicações D. Quixote.
- PAZOS-ALONSO, Cláudia. 2011. Modernist Differences: Judith Teixeira and Florbela Espanca in Dix, Steffen e Pizarro, Jerónimo (eds.). *Portuguese modernisms: multiple perspectives on literature and the visual arts*. Legenda: Oxford, p. 122-134.
- PORTUGALPRIDE.ORG.: <http://portugalpride.org/elgebete/2004/txt13.asp> (último acesso em 22 de Agosto de 2013).
- RAMOS, Inês (org.). 2009. *Os Dias do Amor. Um poema para cada dia do ano*. Parede: Ministério dos Livros.
- SOUSA, Martim Lourenço Ramos de Gouveia e. 2009. Lesbianismo e interditos em Judith Teixeira. in *Forma Breve n.º7(2009) Homografias Literatura e Erotismo*. Aveiro: Centro de Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, p. 45-59.
- <http://www.europa.blogspot.com/> *Europa. Revista de Estudos Judithianos* (último acesso em 17 de Agosto de 2013).
2001. *Judith Teixeira: Originalidade Poética e Descaso Literário*. Aveiro: Universidade de Aveiro (tese policopiada).
- TEIXEIRA, Judith. *Poemas*. 1996. Lisboa: &etc.

VIANA, António Manuel Couto. 2008. O investigador da literatura alto-minhota Pedro da Silveira na minha memória. in *Cadernos Vienenses*, 42, *Dezembro de 2008*, p. 127-146 : <http://gib.cm-viana-castelo.pt/documentos/20090319142023.pdf> (último acesso em 24 de Agosto de 2013).

— 1977. Judith Teixeira in *Coração Arquivista*. Lisboa: Verbo, p. 198-208.

WIKIPÉDIA: http://pt.wikipedia.org/wiki/Judite_Teixeira (último acesso em 17 de Agosto de 2013).